

anita schwartz

GALERIA DE ARTE

AL
VO
RA
DA

02 FEV

09 MAR 2024

ANA RAYLANDER
BADU
BRUNA SNAIDERMAN
BRUNO LYFE
CAETANO COSTA
CAIO BORGES
CAROLINA KASTING
CELA LUZ
CLARICE ROSADAS
DESIRÉE JAROMICZ FELDMANN
DIEGO CASTRO
FLÁVIA METZLER
FOGO
GRAZIELA GUARDINO
GUILHERME KID
GUSTAVO RIEGO

JORGE CUPIM
JULIA CIAMPI E TIAGO LIMA
LUIZ EDUARDO RAYOL
MALVO
MARIA VICTORIA SANTOS
MARYAM SOUZA
MICHELE MARTINES
MYRIAM GLATT
NITA MONTEIRO
RAFAEL AMORIM
TETÊ LIAN
THALES POMB
THIX
VERA SCHUELER
VINICIUS CARVAS

ALVORADA

02 FEV - 09 MAR 2024

Alvorada celebra a 4ª edição do Projeto GÁS – Chamada Aberta de Verão, convocatória voltada para artistas e/ou coletivos de arte com até 20 anos de carreira apresentarem trabalhos autorais em diversas linguagens da arte contemporânea.

Numa atmosfera imersa no frescor e na energia dos inícios, Alvorada incorpora as múltiplas direções temáticas propostas pelas obras selecionadas. Com uma narrativa não linear, sugere a aproximação dos trabalhos em núcleos fluídos para inaugurar diálogos, sem a preocupação de esgotar argumentos, convidando o visitante a tecer suas próprias relações e criar outras leituras.

O primeiro núcleo reúne a produção de artistas que abordam questões relacionadas às poéticas do cotidiano. Obras que retratam cenários comuns, muitas vezes dos subúrbios, transformando-os em espaços de intimidade e singularidade. Alguns flertam com temas da História da Arte, outros incorporam símbolos característicos da cultura nacional, ao mesmo tempo em que exploram o campo estético como um terreno político.

Um retorno à natureza e à origem do mundo, seja de forma direta ou como construção imaginativa, passando por questionamentos sobre os impactos da ação humana e seus resíduos materiais no meio-ambiente, são temas que permeiam o diálogo sugerido pelo segundo agrupamento obras.

A terceira aproximação temática gira em torno das investigações acerca das materialidades, assim como da incorporação do ato performático e seus desdobramentos na composição artística.

As questões de gênero e sexualidade emergem como protagonistas nas pesquisas de diversos artistas, que exploram indagações sobre as performatividades contemporâneas relacionadas ao tema. Partindo de questionamentos clássicos, abordam o papel da mulher, a visibilidade dos corpos trans e as contra-histórias das masculinidades. São trabalhos que suscitam a reflexão sobre tais representações, revelando as nuances e metamorfoses de construções sociais relacionadas à criação de identidade.

Ana Raylander

(@anaraylander)

“Cafundó do mundo”, 1995

Vive e trabalha em São Paulo, SP

Lágrimas (Willian), 2023

Par de esculturas de madeira, cimento e cacos de vidro.

Díptico, 50 x 13 cm | 44 x 11 cm

Lágrimas (Willian) faz parte de uma pesquisa a longo prazo em que a artista investiga assuntos como choro, masculinidade e sistema prisional. A partir das tatuagens realizadas no cárcere, em especial as representações de lágrimas, Ana Raylander constrói instalações, objetos, textos e performances.





Badu

(@baducarnaval)

João Pessoa, PB, 2000

Vive e trabalha em Goiânia, GO

Guerreiro contra o mau agouro, 2023

Paetês e lantejoulas sobre tecido.

80 x 100 cm

A obra parte das observações do universo sacro presente no imaginário carnavalesco brasileiro. O estandarte, bordado com materialidades carnavalescas evoca o santo mais carnavalesco, São Jorge, presente em altares e nos desfiles das escolas de samba. Nesse trabalho, o corpo-santo de Jorge guerreiro é evocado enquanto um corpo-folião, possuidor da festa em seu ser.



PARA QUE MEUS INIMIGOS
TENDO PÉS NÃO ME ALCANCEM
TENDO MÃOS NÃO PEGUEM
TENDO OLHOS NÃO ME ENXERGUEM
E NEM PENSAMENTOS POSSAM TER
PARA ME FAZEREM MAL

Bruna Snaiderman

(@brunasnaiderman)

Rio de Janeiro, RJ, 1975

Vive e trabalha no Rio de Janeiro, RJ

Sem Título, da Série Presença Através da Ausência, 2024

Metacrilato e vinil.

100 x 100 x 21 cm

Em sua série intitulada Presença Através da Ausência, a artista busca o equilíbrio necessário entre o analítico e o espontâneo. Ao explorar volumes geométricos que emergem da superfície plana e recortes internos vazados, Bruna reflete sobre questões relacionadas a presenças e ausências, e como esses elementos estão intrinsecamente interligados. A ausência de matéria, preenchida por cores, torna-se presente através do efeito óptico gerado, parecendo flutuar no espaço estático. À medida que o espectador se movimenta pela obra, ele descobre que, a cada ângulo explorado, uma nova obra é revelada.





Bruno Lyfe

(@bruno.lyfe)

Rio de Janeiro, RJ, 1991

Vive e trabalha no Rio de Janeiro, RJ

**Mil sonhos serão urdidos na cidade.
Na escuridão, no vazio na amizade,**
2024

Acrílica e óleo sobre tela.

200 x 140 cm

Assim como no trecho da música “Falou, amizade”, de Caetano Veloso, que dá título à obra "Mil sonhos serão urdidos na cidade. Na escuridão, no vazio na amizade. A velha amizade. Esboça um país mais real. Um país mais que divino", essa pintura é um convite à reflexão sobre a importância de preservar valores fundamentais em meio a desafios políticos e sociais, enquanto destaca a esperança e a resiliência que podem ser encontradas nas relações humanas e na aspiração por um país mais justo e plural.





Caetano Costa

(@caetanocosta)

Recife, PE, 1992

Vive e trabalha em Recife, PE

Não foi uma "decisão estética", eu só tinha essas cores, 2018

Acrílica sobre tecido de algodão.

80 x 96 cm

As produções de Caetano estão intrinsecamente ligadas ao deslocamento e ao espaço do seu corpo afroindígena e periférico, explorando diferentes formas como performance, desenho, objetos e ativação de espaços públicos. Sendo assim, seu processo criativo é alimentado pela tensão e pelos atritos que surgem nas interações, potencializando intercâmbios e coautoria, integrando-as aos princípios de auto-organização, buscando referências em coletivos e movimentos sociais, desde os brincantes da cultura popular até o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).



FOI UMA
SÃO ESTÉTICA
O TINHA

Caio Borges

(@caiborges.arte)

São Paulo, SP, 1974

Vive e trabalha em São Paulo, SP

Dilúculo, 2023

Acrílica sobre tela.

170 x 160 cm

A obra foi inspirada em uma cena do filme “A Noite” de 1961, do cineasta Michelangelo Antonioni, onde aparece a atriz Jeanne Moreau ao lado de um poste, em um fundo campestre noturno. Na esteira de uma série de pinturas recentes, chamada “Oníricos”, o artista fez alterações na obra, criando um universo paralelo, com direito a uma elegante pink poodle no corpo da atriz, observada por um “cão E.T.” (referência à personagem interpretada pela atriz Sara Jessica Parker, no filme “Marte Ataca!”, 1996, do cineasta Tim Burton). O título propõe o oposto do nome do filme de Michelangelo, no qual buscou um sinônimo “pomposo” para descrever o amanhecer.





Caio Borges

(@caiborges.arte)

São Paulo, SP, 1974

Vive e trabalha em São Paulo, SP

Bild Lilli, 2023

Acrílica sobre tela.

100 x 90 cm

Essa obra faz parte de uma série de pinturas de bonecas, produzida em 2023. Trata-se do retrato da boneca Lilli, criada pelo ilustrador Reinhard Beuthien para preencher as lacunas do jornal alemão Bild. A personagem possuía características eróticas e foi transformada em boneca. Em 1959, a empresária estadunidense Ruth Handler, casada com Eliot Handler, fundador da fábrica de brinquedos Mattel, a transformou na primeira fashion doll de plástico, já que até então, só existiam bonecas “adultas” em papel, as paperdolls, impressas em livros e cartelas com roupas para recortar e trocar. Nasceu assim a boneca mais famosa do mundo, a Barbie, apenas com poucas diferenças no design da boneca original.



Carolina Kasting

(@carolinakasting_art | @carolkasting)

Florianópolis, SC, 1975

Vive e trabalha no Rio de Janeiro, RJ

Corpo-memória, 2023

Pintura gestual, serigráfica sobre papel
vinílico.

150 x 100cm

Pintura gestual, serigráfica sobre papel
vinílico.

60 x 60cm

Corpo-memória resulta dos vestígios do gesto no espaço-entre pintura, gravura e a transitoriedade da imagem. As ações performativas da artista em superfície de papel vinílico, primeiramente, deixam vestígios da imagem corpórea por alguns segundos na retina do espectador, depois, ao introduzir a tinta, o corpo passa a gravar na superfície os vestígios do movimento, que é eternizado na tela. Esta pintura tem características que remetem às mais primitivas manifestações da subjetividade humana, como as pinturas rupestres do período paleolítico, embora aqui, o movimento em improviso materialize a abstração do instante sem objetivo de representação figurativa. O público participa do processo de construção da pintura como observador dos sucessivos gestos propostos livremente pela artista e a intersecção dos meios acontece nesta performatividade da obra, que tem no instante e seus vestígios, aquilo que foi e já não é mais, material para sua concepção. Corpo-memória propõe uma dialética entre fotografia e pintura, ao eternizar o gesto em imagem-pictórica.





Cela Luz

(@celaluz)

Rio de Janeiro, RJ, 1986

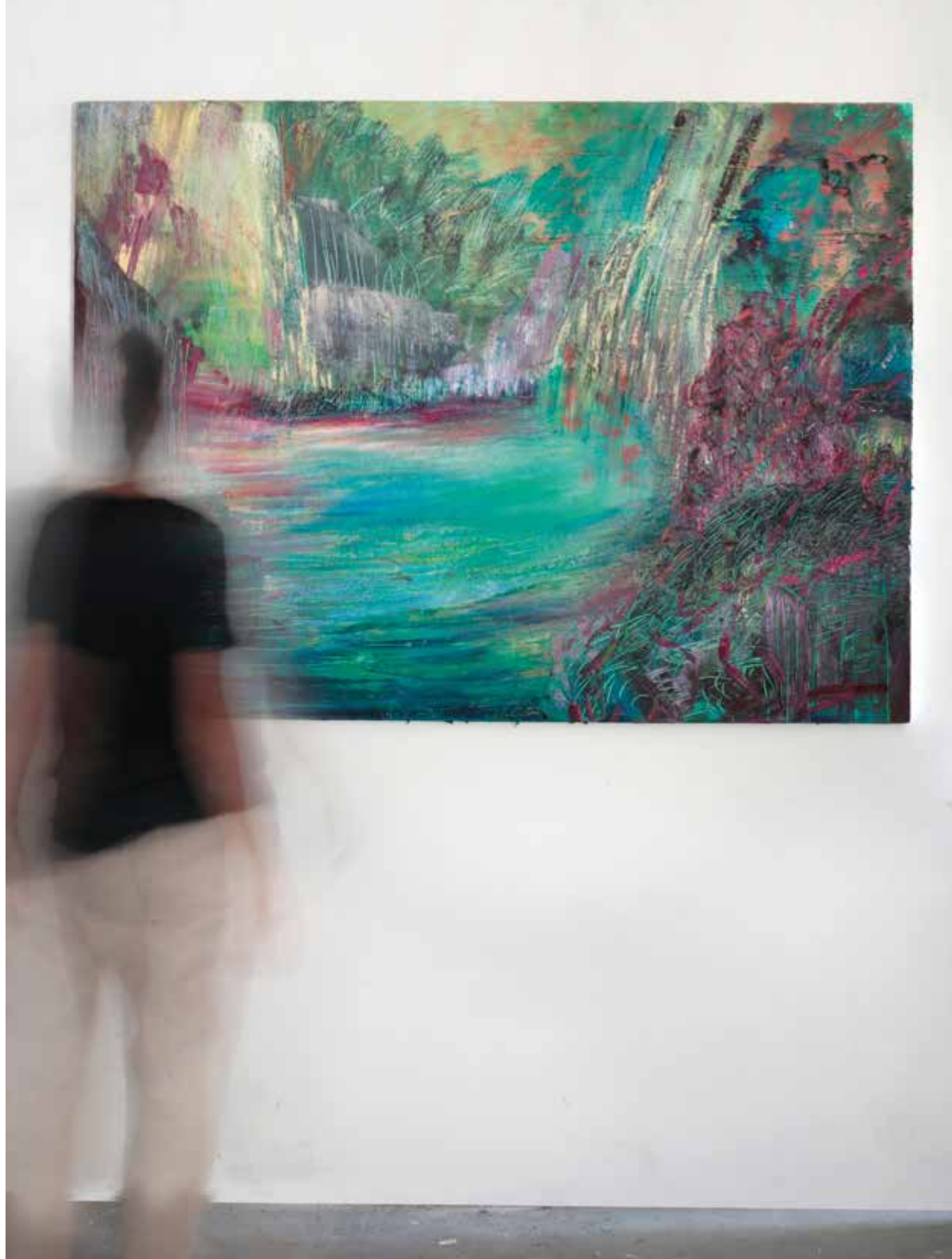
Vive e trabalha no Rio de Janeiro, RJ

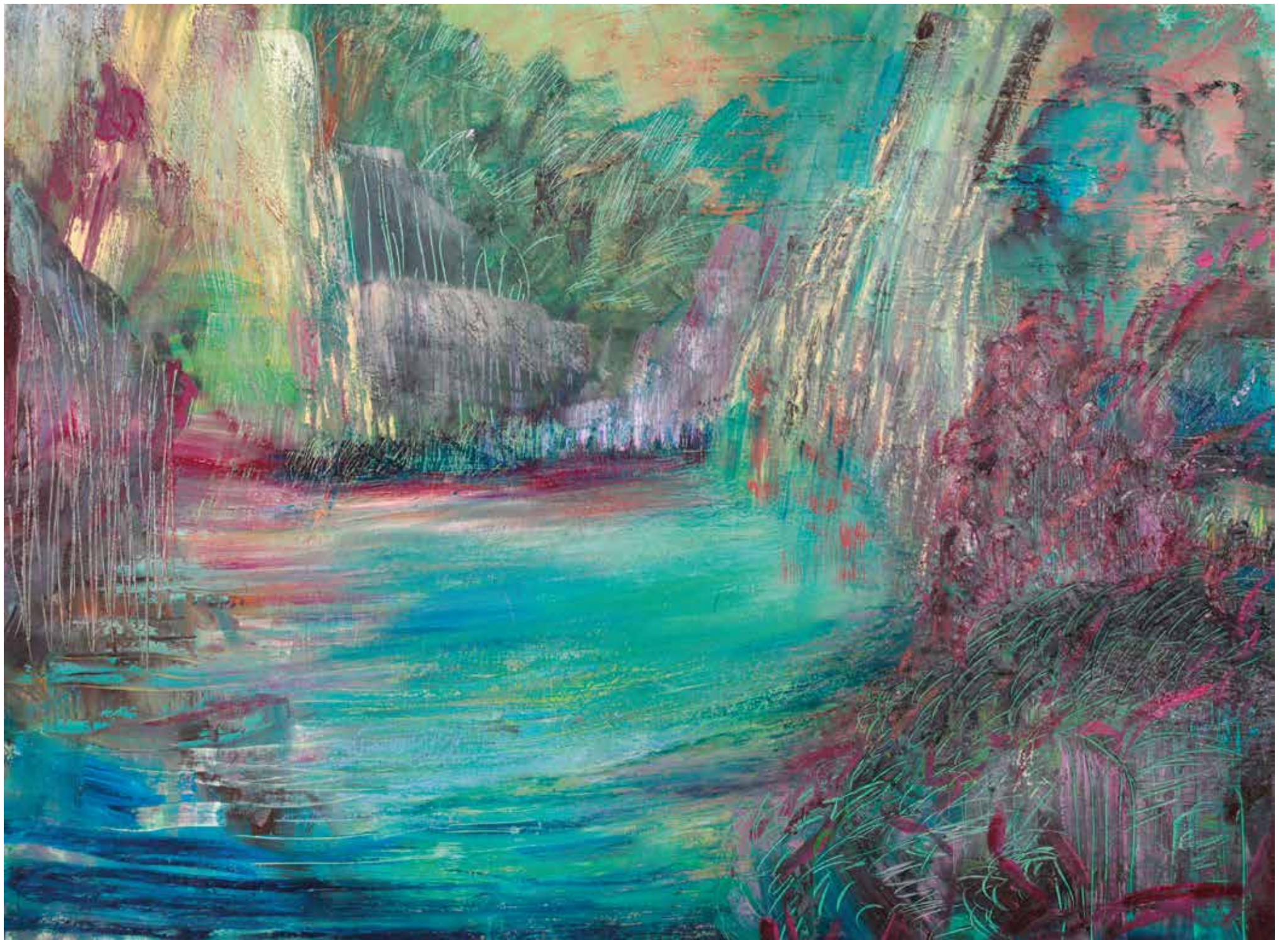
Cachoeira, 2023

Óleo e pastel oleoso sobre tela.

150 x 200 cm

Através da pintura, a artista incorpora elementos da natureza para sugerir paisagens que confundem as percepções de ilusão e realidade. Com telas constituídas por inúmeras camadas de tinta a óleo, densa luminosidade e fatura, a composição sugere sensação de movimento, através de ranhuras e marcas gestuais, com aplicação e subtração da tinta e outros materiais. Cela gosta de pensar nas cachoeiras, na sua capacidade de energizar, de nascer do abismo, da depressão do relevo. Acredita que se relacionar com elas é lidar com muitas forças.





Clarice Rosadas

(@clarice__r)

Rio de Janeiro, RJ, 1997

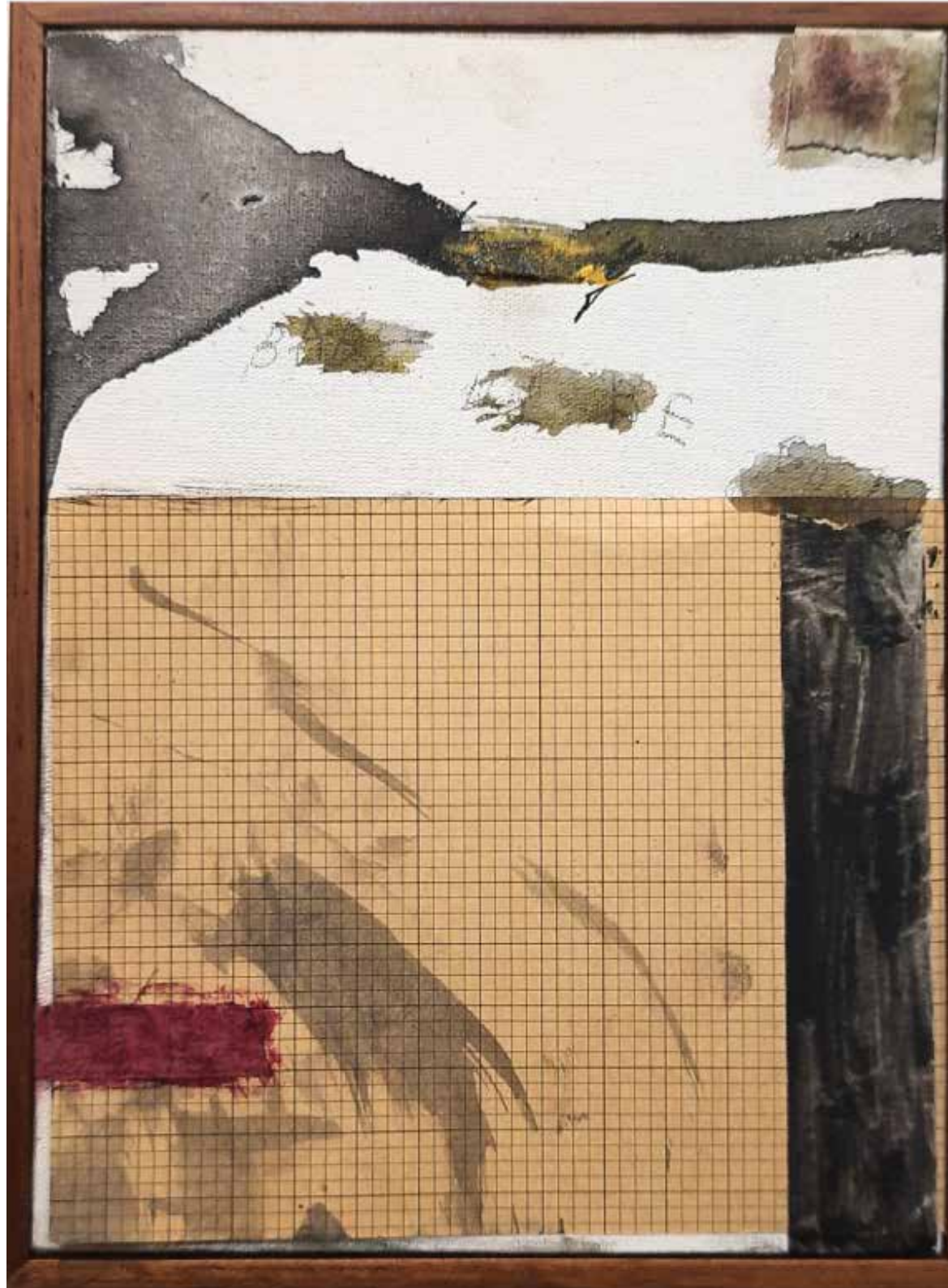
Vive e trabalha no Rio de Janeiro, RJ

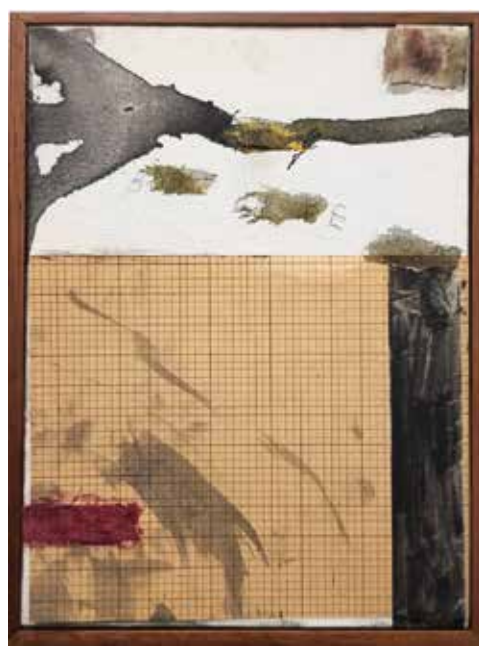
Sem título #1, #2, #3, #4, 2021

Acrílica, papel, nanquim e fita crepe sobre tela.

21 x 16 cm (cada)

Em uma tentativa de usar as telas como cadernos de anotação, a artista inseriu alguns papéis sobre a superfície junto à pintura, marcando uma importante transição dos trabalhos em papel para os trabalhos sobre tela. O processo de realização desses trabalhos acontece, geralmente, no chão ou na mesa do ateliê, onde passa dias anotando e escrevendo sobre a superfície dos papéis e das telas, para então dar início às intervenções com a pintura. Nesse processo, acidentes são bem vindos, e muitas vezes tomam protagonismo no resultado final. Nessas obras estão borrões de dedos, manchas de tinta derramada, papéis recortados e algumas palavras, aglomerados numa vontade de tentar anotar não só um pensamento, mas talvez um momento de passagem, de ideias, corpos e sons. Uma lembrança.





Desirée Jaromicz Feldmann

(@desiree.feldmann)

Santa Cruz do Sul, RS, 1989

Vive e trabalha em Brasília, DF

Pangeia, 2023

Tecido plano, tecido macio, viés, costura e enchimento.

135 x 80 x 12 cm

Tiragem 2/2

Pangeia designa o continente que existiu entre 200 e 540 milhões de anos, durante a era Paleozoica do planeta Terra. De acordo com a etimologia da palavra, seu nome se origina do fato de todos os continentes estarem juntos, expressando a noção de totalidade e universalidade. No entanto, também revela um território que em algum momento, estava ligado e precisou se fragmentar para expandir.

O objetivo da obra é lançar um olhar sobre o aspecto simbólico da palavra "pangeia" e seus possíveis significados, tanto sobre a estrutura corporal que se apresenta através das cores, das formas e de sua projeção espacial, quanto faz alusão a um corpo simbólico que é visto ao avesso.



Diego Castro

(@dc06diego)

São Paulo, São Paulo, 1983

Vive e trabalha em São Paulo

Arde | Brasa 0123, 0223 e 0323, 2023

Tinta acrílica e transferência fotográfica
sobre painel de madeira de reuso.

29 x 42 cm (cada)

Em sua metodologia, Diego Castro navega e captura imagens pelas redes sociais – sendo suas origens tanto as fotos e vídeos feitos pelas pessoas (manifestantes, testemunhas etc.), quanto pelos veículos de comunicação da grande mídia. Ao intervir nas imagens transferidas com tinta acrílica, o artista interliga dois pontos da história das tecnologias das imagens: as grandes pinturas históricas sobre revoluções e guerras, e o Instagram.





Flávia Metzler

(@flaviametzler)

Rio de Janeiro, RJ, 1974

Vive e trabalha no Rio de Janeiro, RJ

O balcão da oficina, 2023

Óleo sobre tela.

50 x 40 cm

A auto reflexividade é uma questão recorrente na trajetória de Flávia Metzler, que se utiliza deste recurso em suas composições de cenas e ambientes, plenas de citações, que se referem com frequência à própria pintura e sua história. “O balcão da oficina” fala de um espaço de trabalho, possivelmente pertencente a uma restauradora ou a uma artesã, cuja personagem central parece ter um papel que pendula entre a atividade e a passividade, entre ser a representante do estabelecimento, em função de atendimento, e ser também parte do mostruário, uma vez que ela mesma é paródia, assim como todos os outros elementos apresentados e que nos são familiares, deslocados de obras da artista e de demais autores. A figura estabelece um trânsito entre a pintura e o espectador, a quem são disponibilizados objetos de apelo afetivo, ora delicados, ora repulsivos: adoráveis estranhezas prontas para retirada e consumo.





Flávia Metzler

(@flaviamezler)

Rio de Janeiro, RJ, 1974

Vive e trabalha no Rio de Janeiro, RJ

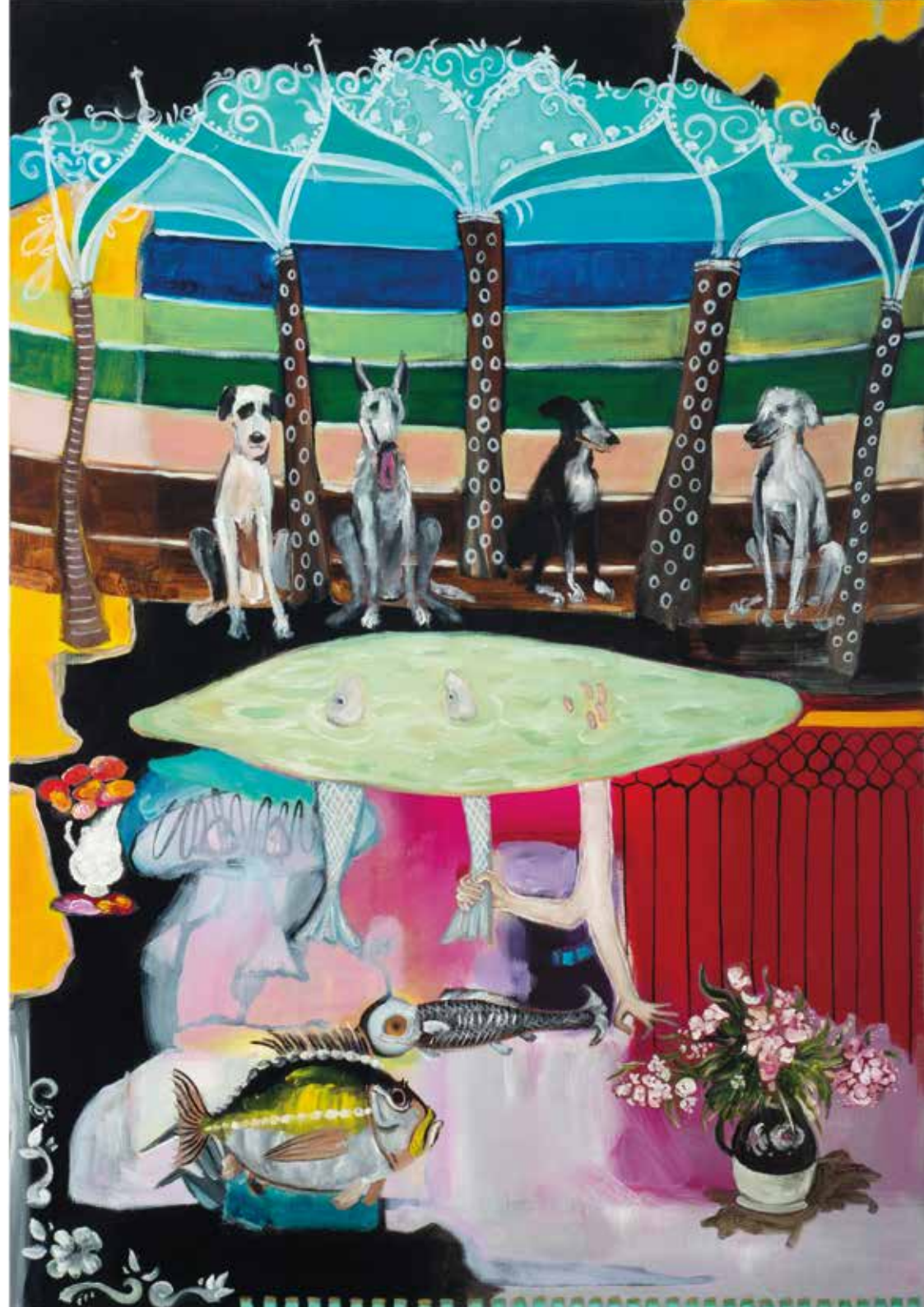
Rascunho de um lago sem fundo,

2023

Óleo sobre tela.

100 x 70 cm

O substrato desta obra é o próprio absurdo. Fragmentos de arquitetura gótica ambientam uma paisagem que se organiza em um arranjo de obras de artistas como Leda Catunda, Marlene Dumas e John Singer Sargent, expondo uma natureza peculiar que nos entrega elementos insuficientes para sua compreensão. O título nos leva a crer que se trata de um estudo, o meio do caminho antes da finalização de uma proposição sem sentido lógico: um lago sem fundo, cujo único índice de sua existência, a superfície, funciona como a pele do desconhecido, permeando pelo menos dois mundos. Para o público, resta um convite a se posicionar frente à incerteza, a trabalhar sua percepção no modo subjuntivo, na falta de um fato que o elucide. A situação é de negatividade, uma vez que não há chave para decifrar qualquer enigma.



FOGO

(@fogo_no_teto)

Rio de Janeiro, RJ, 1989

Vive e trabalha em Niterói, RJ

Cão Bactéria, 2024

Cerâmica e pintura automotiva.

20,5 x 38 x 19 cm

Edição: 3/5 (Laranja)

Cão Bactéria é parte de uma série de esculturas quadrúpedes, que simulam o formato de um cão e exploram formas geométricas na sua superfície. Essas esculturas expressam movimento e se relacionam com o espaço de variadas formas.





Graziela Guardino

(@grazielaguardino)

São Paulo, SP, 1979

Vive e trabalha em Sydney, Austrália

Você pode dobrá-lo, mas não pode quebrá-lo, 2023

Tinta acrílica sobre linho descartado
desfiado e madeira.

64 x 57 x 3 cm

A obra faz parte da série intitulada "A ossatura das coisas" onde a artista utiliza metáforas para explorar a fragilidade e a força inerente a experiência humana. Nessa obra a artista foca no simbolismo dos ossos como uma força inquebrável, assim como a alma humana. A resiliência permanece, apesar da fragilidade que nos cerca. É a partir da desconstrução do linho que sua obra ganha forma. Ao invés de adicionar camadas a artista as remove, explorando o limite da construção e desconstrução da trama. A fragilidade do tecido desfiado não se caracteriza como fraqueza, mas sim como um equilíbrio sutil entre os materiais, fios e madeira, força e suavidade. Assim, a artista convida os espectadores a refletirem sobre as complexidades de suas próprias experiências e a natureza vulnerável da alma humana.



Graziela Guardino

(@grazielaguardino)

São Paulo, SP, 1979

Vive e trabalha em Sydney, Austrália

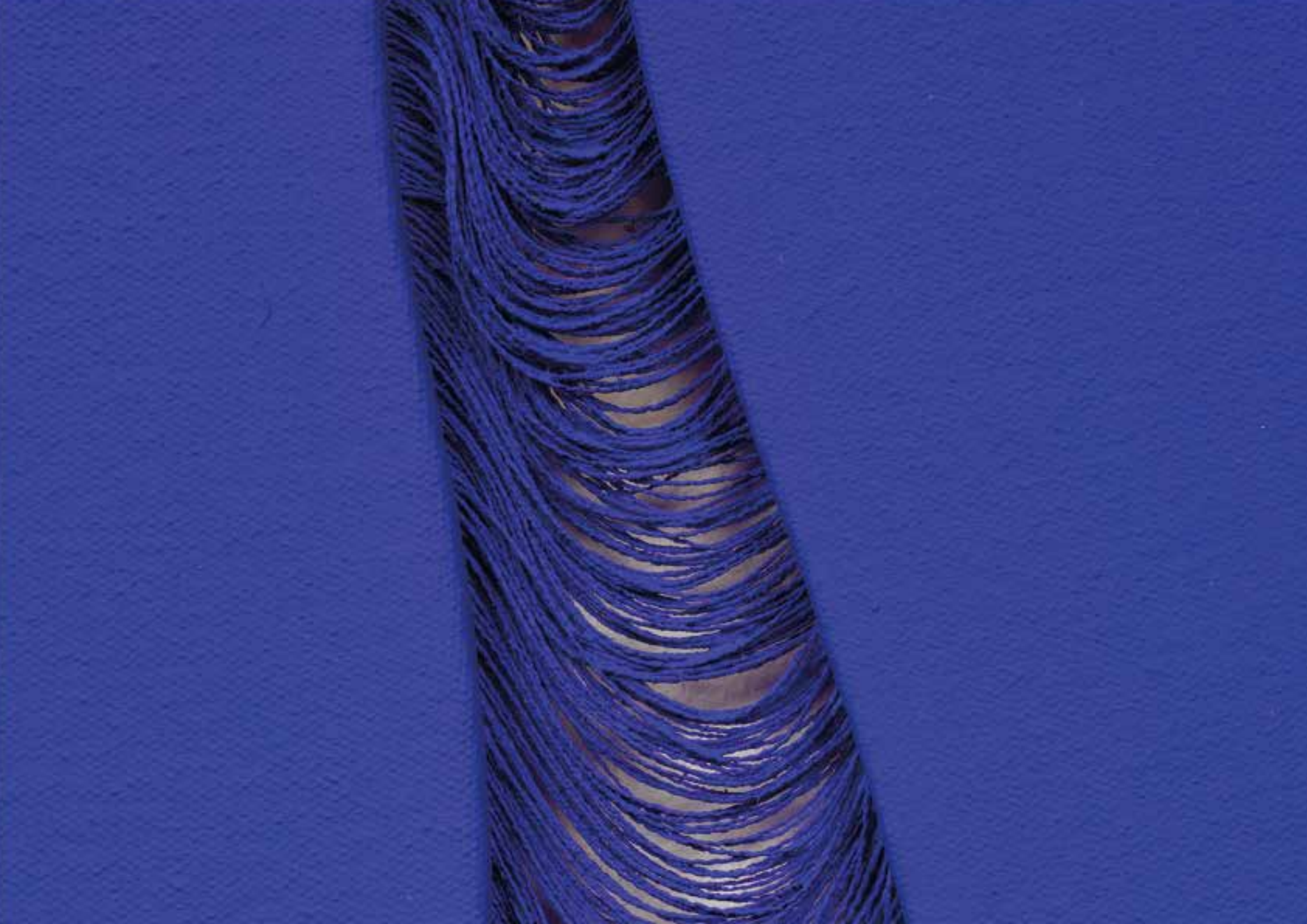
Arara Azul, 2022

Tinta acrílica sobre linho descartado
desfiado e madeira reciclada.

40 x 30 x 1 cm

A obra faz parte da nova série de trabalhos da artista com foco na fragilidade do meio ambiente. Arara Azul é feita a partir da desconstrução de linho e madeira descartados. A fragilidade e resistência encontram equilíbrio na obra através dos materiais usados. Os materiais são transformados através de um processo contínuo de experimentação — desconstruindo, cortando, costurando, reconstruindo. Fios de linho são desfiados e mergulhados em tinta para se transformarem em formas sólidas, ambas simétricas e assimétricas. A rica textura dos fios formam finas camadas monocromáticas. Essas abstrações de cores, materialidade e formas pairam no limiar do tangível e intangível. Ao usar cores vibrantes e composições abstratas similares as espécies retratadas a artista pretende chamar a atenção dos espectadores a necessidade de urgência de ação. Através da estimulação visual, a esperança é criar um sentimento de empatia pelas espécies ameaçadas e pelos seus habitats em extinção.





Guilherme Kid

(@guilherme_kid)

Rio de Janeiro, RJ, 1991

Vive e trabalha no Rio de Janeiro, RJ

Assinado, Zé do caroço, 2023

Acrílica sobre tela

110 x 110 cm

A obra retrata o samba que fala sobre Zé do caroço, líder comunitário da comunidade pau da bandeira, no bairro carioca de Vila Isabel. Super atuante, usava um auto falante pra falar com a sua comunidade. Na canção, ecoa a potente frase "está nascendo um novo líder", na qual o artista vê a representatividade das diversas lideranças negras deste país.



STÁ NASCENDO
M NOVO LÍDER!



Gustavo Riego

(@gustavoriego_)

Bruxelas, Bélgica, 1983

Vive e trabalha entre Bruxelas, Bélgica,
e Assunção, Paraguai

Songe, 2023

Madeira, metal, papel.

27 x 32 x 17 cm

Songe é uma palavra francesa usada especialmente em linguagem sustentada, semelhante ao sonho, designa aquele à qual atribuímos um valor de alerta. A peça é uma gaiola de madeira de Palo Santo em forma de casa, na qual uma nota real de um dólar está suspensa por um fino fio de náilon. Ambos os objetos encontrados são singulares em virtude de terem uma história acumulada. Perdem a sua função primária referenciando questões sociais de forma direta e indireta pra abordar temas de liberdade, poder, perda e injustiça; condições amplificadas pelos recentes acontecimentos internacionais. Embora haja uma sensação de calma, leveza e abertura, a peça manifesta uma situação violenta.





Gustavo Riego

(@gustavoriego_)

Bruxelas, Bélgica, 1983

Vive e trabalha entre Bruxelas, Bélgica,
e Assunção, Paraguai

Reflection 5, 2, 7, 2023

Madeira, polietileno metalizado, tinta
acrílica.

33 x 26 cm

As três pinturas em forma de paleta apresentadas são mantas de segurança intervencionadas montadas em pequenas placas de madeira. Usada em situações de risco de vida enfrentadas por pessoas que migram clandestinamente, que sofrem em zonas de conflito, feridas ou simplesmente perdidas na natureza, esta manta revestida de espelho destina-se a manter o seu corpo quente e vivo. Cada uma das formas coloridas feitas de finas camadas de tinta acrílica tem um tom único, densidade, forma que ecoa a beleza da diversidade social. Refletem a luz refratada pelo espaço e pelas pessoas presentes no ambiente onde são expostas, revelando traços de quem passa à sua frente, redefinindo corpos através deles e propondo novas formas coletivas.





Janaína Vieira

(@jnavieira)

Macambira, SE, 1997

Vive e trabalha em Jacareí, São Paulo

Di-visão, 2022

Tijolos de plástico, plástico de pet, durepox sobre compensado.

16 x 5 x 6,5 cm

Di-visão faz alusão aos muros, divisão entre vizinhos até mesmo para a rua. Com aquele estigma de “a minha segurança eu mesmo faço”, os cacos de vidro protegem muro a fora. Podemos perceber os pequenos recortes de plástico pet representando os clássicos cacos de vidro. O tijolo central representa algo valioso.



Janaína Vieira

(@jnavieira)

Macambira, SE, 1997

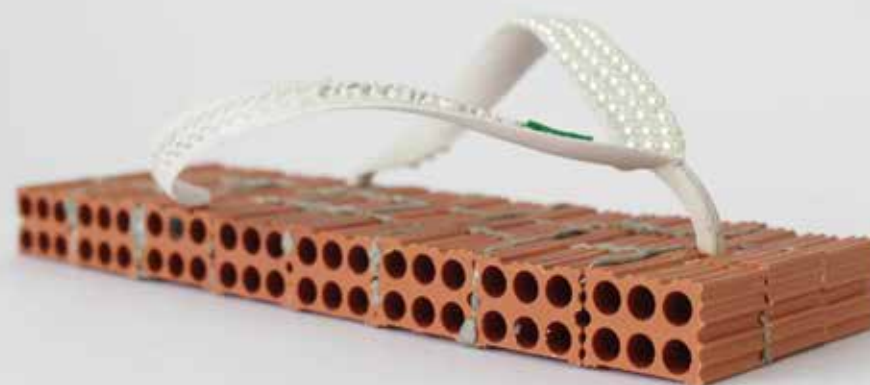
Vive e trabalha em Jacareí, São Paulo

Pé Direito, 2023

Tijolos de plástico, correia de chinelo,
miçangas e durepox.

24 x 8 x 12 cm

Pé Direito traz consigo a ideia de que a cidade não acontece se a periferia não levantar cedo. Representa o impulso, a correria do dia a dia de pessoas periféricas, acostumadas a acordar cedo, “antes do galo cantar”. De “pé direito” todos os dias vão atrás de novas oportunidades, objetivos e realizações. A obra é desenvolvida a partir de tijolos de plásticos, fazendo alusão aos tijolos baianos que enfeitam as paisagens periféricas, quando sem reboco. O calçado (chinelo), é bastante significativo para pessoas periféricas, justamente por possuir pouco poder de compra. A correia de chinelo com uma das tiras enfeitadas, representa a singela vaidade das ‘tias’ que vê beleza em pequenos detalhes.



Janaína Vieira

(@jnavieira)

Macambira, SE, 1997

Vive e trabalha em Jacareí, São Paulo

Lavadeira / Vida sem Amaciante,

2022

Cerâmica fria, tinta acrílica, papel sobre escova de lavar roupa.

13,5 x 7 x 7,5 cm

A Lavadeira surge a partir da representação das mulheres que tinham como ocupação o trabalho informal e invisível de “lavar roupa para fora” e, que muitas vezes, esse trabalho autônomo era sua principal fonte de renda. O trabalho das lavadeiras costumava ser totalmente manual, visando que máquinas de lavar não era de fácil acesso a essas mulheres. Na obra podemos observar um tacho e a representação de mãos esfregando uma peça verde e amarela. Fala-se sobre como esses trabalhos são desvalorizados e menosprezados no Brasil, assim como qualquer outro subemprego.



Jorge Cupim

(@jorgecupimarte)

Rio de Janeiro, RJ, 1974

Vive e trabalha em Rio de Janeiro, RJ

Tapetes Voadores, 2023

Lixas adesivas de skate, cortadas e tramadas, sobre madeira prensada e laminada de skate.

103 x 24 cm

Oriundo do universo das ruas e suas manifestações, radicado inicialmente no skate, Cupim viu no cotidiano urbano do vaivém de pessoas, no tráfego, na arquitetura ao seu redor, possibilidades escultóricas. Os objetos descartados deixam vestígios do que somos, e mesmo do que fomos. Ao encontra-los pelas ruas da cidade, o artista realiza uma nova arqueologia, reversa e diversa, em que os artefatos recolhidos se tornam parte de uma "arqueologia urbana" reconstruída, subvertendo e acelerando o processo natural para a eclosão de um futuro fóssil. Em cada uma das memórias coletadas o artista vai cravejando no presente camadas que trazem inúmeras possibilidades de questionamentos e desdobramentos do nosso convívio em sociedade, do consumo desenfreado, descartes inadequados, evidenciando a necessidade de repensarmos nossas ações hoje.



Julia Ciampi e Tiago Lima

Julia Ciampi (@ciampijulia)

Juiz de Fora, MG, 1998

Vive e trabalha entre Juiz de Fora, MG,
e Arraial do Cabo, RJ

Tiago Lima (@fernandestiago)

Juiz de Fora, MG, 1998

Vive e trabalha entre Juiz de Fora, MG,
e Arraial do Cabo, RJ

Sem título, 2023

Cortiça, plástico e gesso.

98 x 11 x 11 cm

Cortiça, isopor e gesso.

146,5 x 13 x 13 cm

Cortiça, isopor, plástico e madeira.

73 x 9 x 9 cm

Cortiça, borracha, espuma, rolo de pintura
e gesso.

51 x 11 x 11 cm

Buscando uma simplificação formal para aquilo que entendem e percebem da paisagem da região do município de Arraial do Cabo, Rio de Janeiro, a série apresentada se dedica ao campo do escultórico a partir de composições de objetos encontrados - sobretudo boias de pesca -, em andanças dos artistas à beira-mar. As boias despertaram a atenção dos artistas pela sua forma abaulada, cores dessaturadas e textura porosa, características que são resultado do meio em que os materiais foram encontrados: expostos a água salina, a luz solar, ao vento e ao movimento constante das marés.





Luiz Eduardo Rayol

(@luizeduardorayol)

Rio de Janeiro, RJ, 1998

Vive e trabalha no Rio de Janeiro, RJ

Eros, 2023

Acrílica, têmpera e papel kraft.

Aprox. 230 x 230 cm

Em uma primeira e mais direta instância, a obra se mostra no feminino. Eros, princípio da psiquê feminina, energia da vida e do amor, surge em desenho que lembra uma vulva e traz consigo o sexo e a criação. Em segunda instância, o artista se vê pertencente à estrutura de eros na forma de ânima. “Os modelos femininos, que criam sua manifestação em mim, regem a orquestra sensível e volátil da minha existência”, descreve. Ao meio do corpo nota-se um vazio, um rasgo, uma ferida ou um caminho, onde reside o último eixo da obra. Esse vazio, que é a abertura de sentido que dá origem ao mundo e a verdade, é ocasionado por uma ferida. A obra se torna assim criadora e testemunha da história do artista.





Malvo

(@malvoarte)

Rio de Janeiro, RJ, 2001

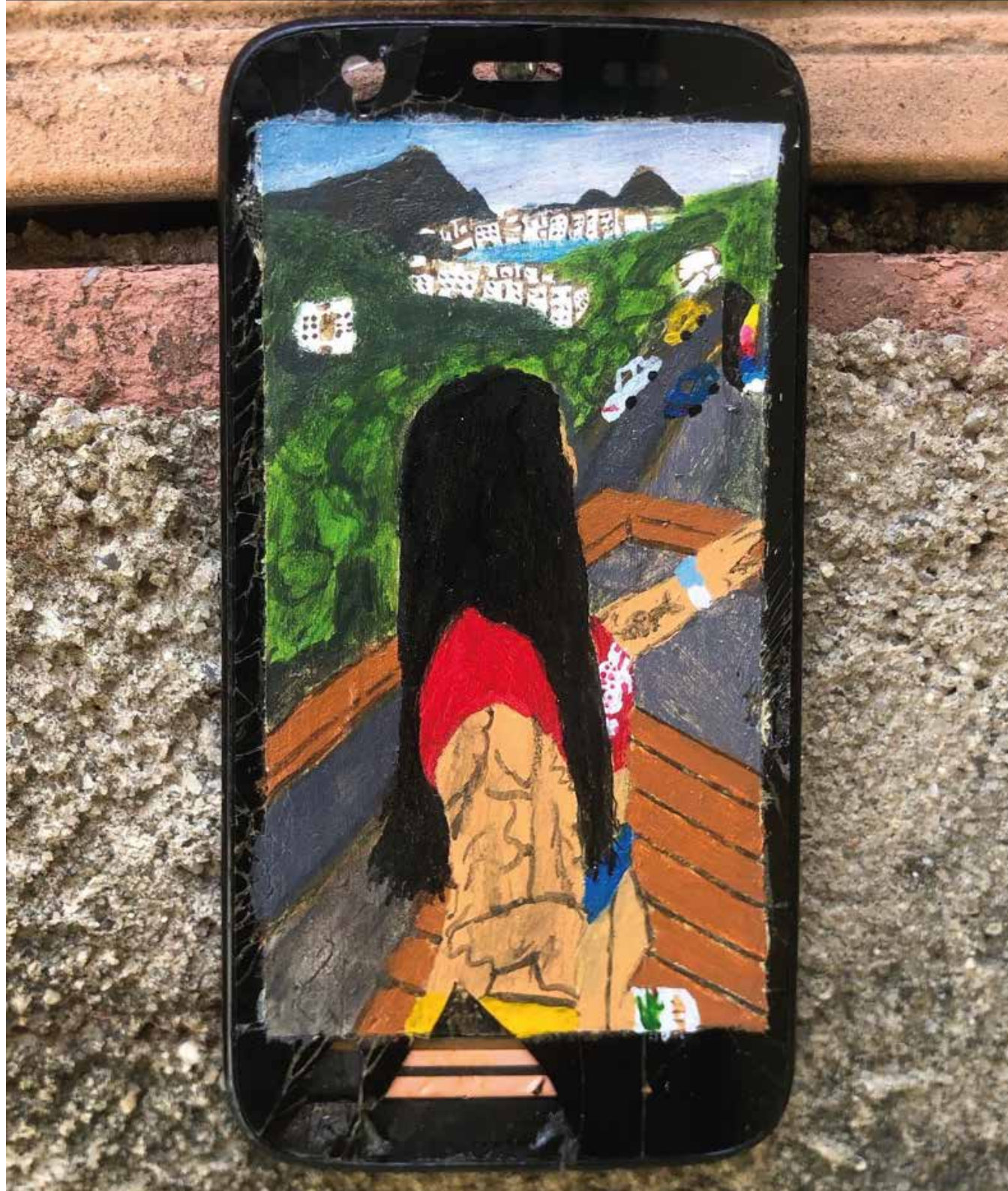
Vive e trabalha no Rio de Janeiro, RJ

Conquistas, 2023

Acrílica sobre tela de celular.

15 x 7,5 cm

Nascido e criado na Zona Norte, Malvo teve seu primeiro contato com a arte ainda muito novo, no ateliê de sua mãe. Anos depois, começou a trabalhar com desenhos e guache sobre papel, na esperança de conseguir vender seus trabalhos para se manter. O artista retrata o seu cotidiano, como as praças onde frequenta na periferia para encontrar os amigos, a violência que as cerca, a cultura popular, e os sonhos de um futuro possível. Além da tradicional tela de pintura, explora nas suas criações suportes variados, entre eles monitores de TV e aparelhos de celular, mesclando elementos da memória e das músicas que escuta ao pintar.



Malvo

(@malvoarte)

Rio de Janeiro, RJ, 2001

Vive e trabalha no Rio de Janeiro, RJ

Aquela braba lá, 2024

Acrílica sobre tela de TV.

55 x 95 cm



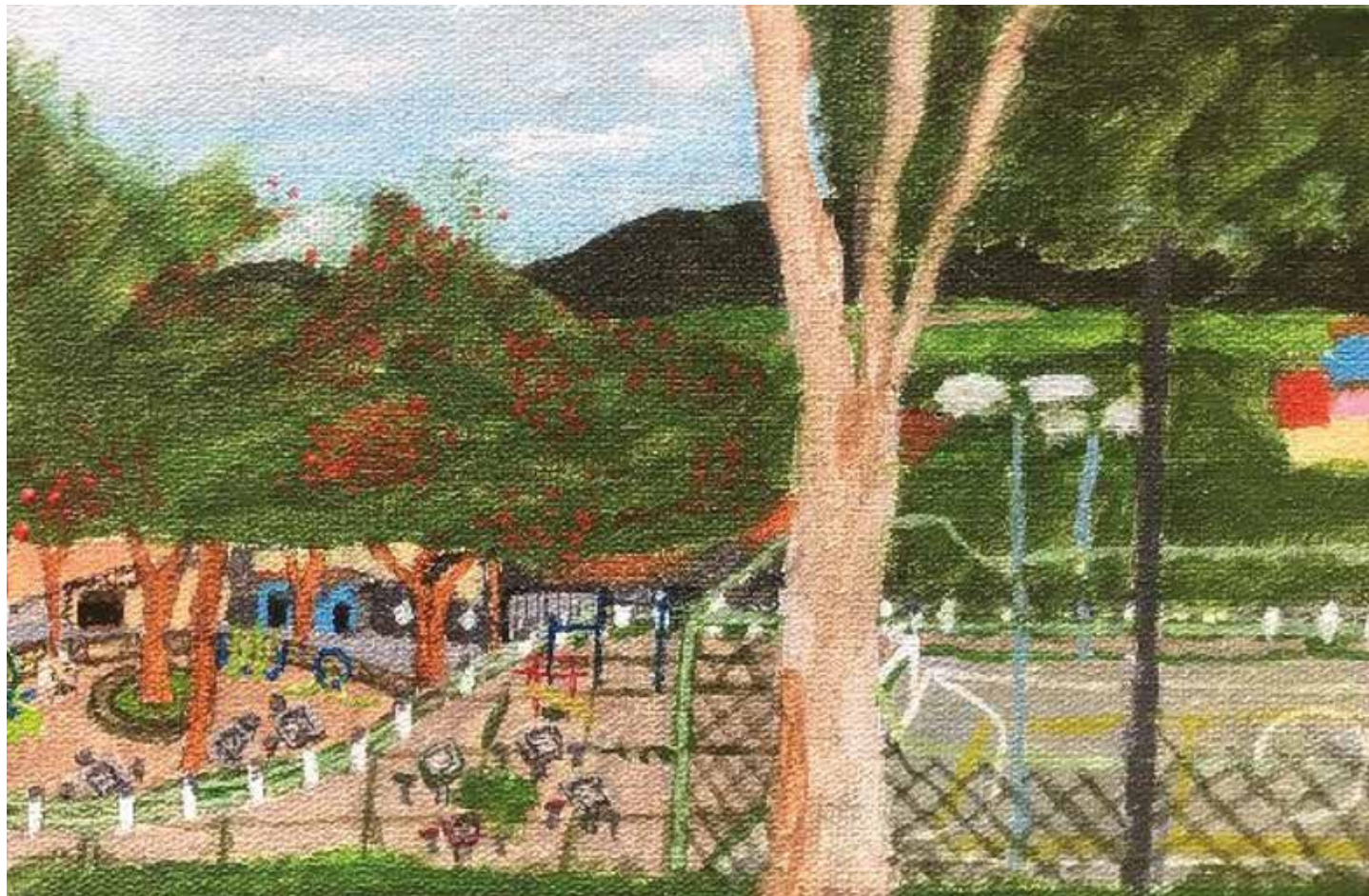


Malvo

(@malvoarte)

Rio de Janeiro, RJ, 2001

Vive e trabalha no Rio de Janeiro, RJ



Parte alta, 2024

Acrílica sobre tela.

10 x 15 cm

Maria Victoria Santos

(@_mariavictoriasantos_)

Juiz de Fora, MG, 1998

Vive e trabalha no Rio de Janeiro, RJ

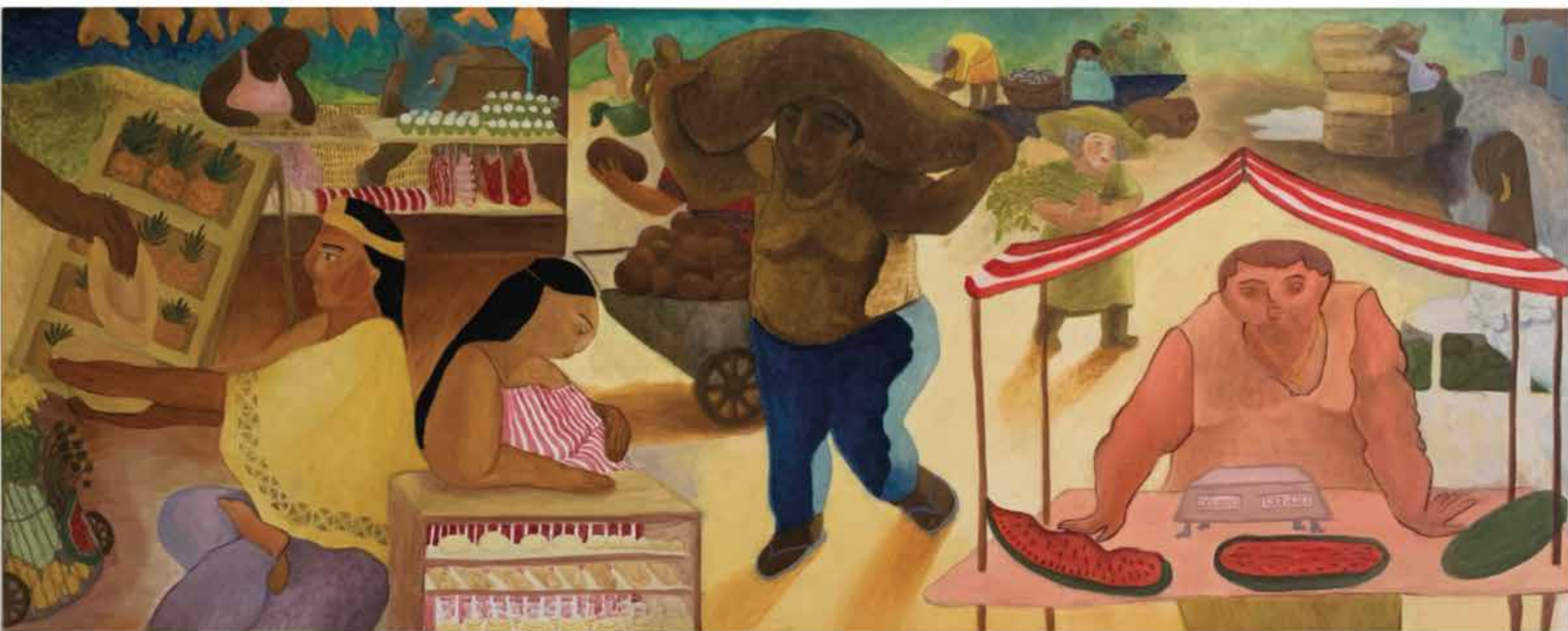
Feira, 2021

Óleo sobre tela.

157 x 63 cm

A Feira era originalmente um projeto de mural. Sofreu alterações devido à chegada da pandemia. O sofrimento dessas alterações se reflete tanto nas proporções da obra quanto nas feições das personagens, que espelham o contexto de produção da pintura - a ausência da rua, dos sons e do calor humano. Cada personagem possui suas características descritas em deformações expressivas. Para além das feições cansadas que contradizem as cores vibrantes, o ritmo é um embaraço ordenado, orquestrado pela organização de mercadorias e corredores organicamente estruturados no posicionamento de cada trabalhador.





Maria Victoria Santos

(@_mariavictoriasantos_)

Juiz de Fora, MG, 1998

Vive e trabalha no Rio de Janeiro, RJ

Inverno, 2023

Óleo sobre tela.

30 x 32 cm

Inverno é um retrato de lugar-nenhum, com contradições arquitetônicas que se unificam através do clima frio e atmosfera fantasmagórica. Traços de paisagens rurais brasileiras mesclam-se a uma edificação com aparência de velho mundo, emolduradas por adereços e luzes quase teatrais. Ao ermo cenário se contrapõem sutis indícios de vida que escapam por frestas de janelas e terra batida.



Maryam Souza

(@maryam.souza)

Filadélfia, BA, 1993

Vive e trabalha em São Bernardo do Campo,
SP

Alvorecer, 2023

Guache, 286 cristais, folhas de ouro 24k
sobre papel 100% algodão.

120 x 80 cm

Alvorecer é a segunda obra da série “No último terço da noite”, cuja estética é uma alusão ao movimento de prostração feita pelos muçulmanos em suas orações, onde, geralmente, utiliza-se um tapete como superfície para efetuar cada oração. As orações têm seu tempo determinado ao longo do dia, e nestes momentos, em meio à introspecção, encontramos o silêncio e sentido para o que consideramos ser passageiro: a vida.





Michele Martines

(@michelemartines.art)

Montenegro, RS, 1982

Vive e trabalha em Montenegro, RS

Marcel, 2023

Acrílica sobre tela.

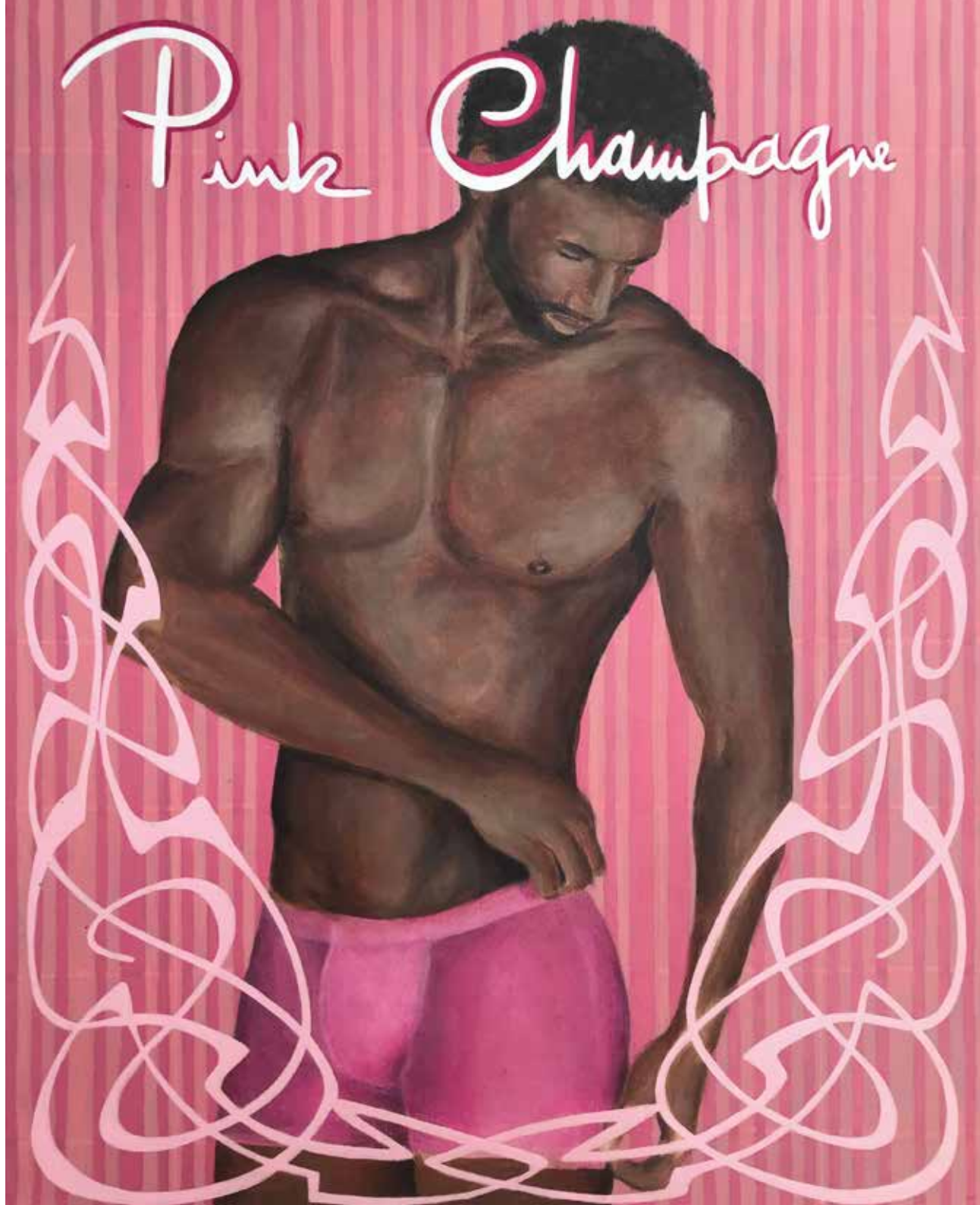
50 x 40 cm

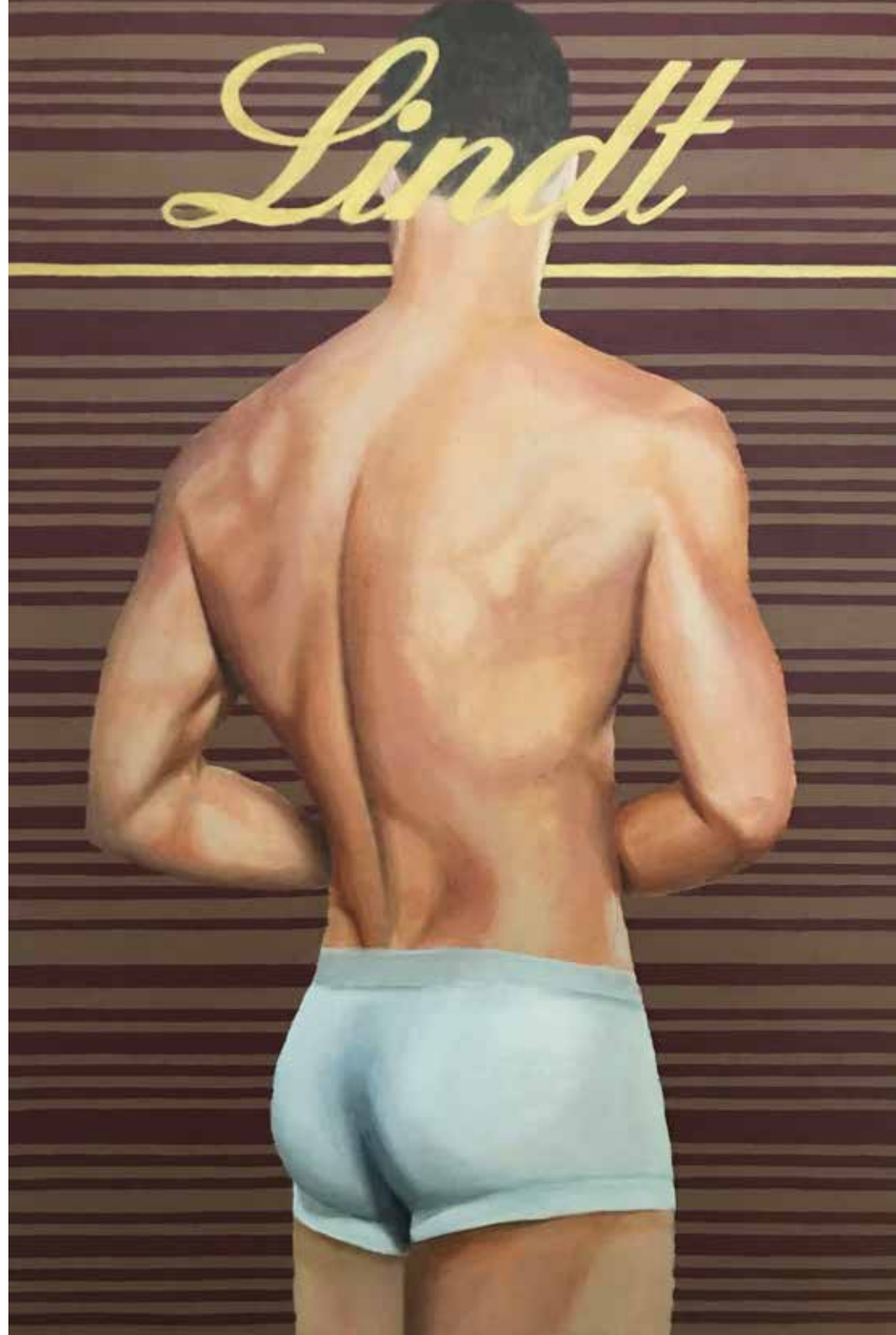
Gustavo, 2021

Acrílica sobre tela.

60 x 40 cm

Marcel e Gustavo integram a série de pinturas intitulada “Abuso!”. As pinturas forjam anúncios buscando inverter a lógica da extensa iconografia na qual a mulher figura como objeto do olhar, desde as pinturas renascentistas até a publicidade atual. Cada obra da série é batizada com um nome próprio e exibe um homem jovem, representado a partir de imagens fotográficas pesquisadas na internet. A artista seleciona, apropria e justapõe os elementos no espaço pictórico. Associa a figura masculina a legendas que remetem a produtos como champagne e chocolate, populares entre o público feminino. O plano de fundo das pinturas faz referência aos códigos de barras. A linguagem publicitária explora a mercantilização do corpo. Em certos casos, a figura feminina é equiparada ao próprio produto anunciado, ou, no mínimo, à sensação de prazer proporcionada pelo seu consumo, como é evidenciado nos anúncios de cerveja destinados ao público masculino. Ao apropriar-se desta linguagem, parodiando a estratégia nas pinturas, tenciona questões vinculadas ao corpo, gênero, tradição e consumo.





Myriam Glatt

(@myriamglatt)

Rio de Janeiro, RJ

Vive e trabalha em Rio de Janeiro, RJ

Aba 41, 2023

Acrílica sobre tela.

160 x 135 cm

A série ABA ou ABAPLANA é um desdobramento da pesquisa que a artista iniciou numa vontade de experimentar novos suportes. Escolheu os descartes de papelão ao ver o excesso deles no dia da coleta dos recicláveis do seu bairro. Em seguida, durante a pandemia usou os descartes do seu próprio consumo, como caixas de creme dental, remédios, shampoo, chás etc. Myriam pensa o trabalho como um reducionismo ou uma síntese da sua pesquisa com as colagens. No primeiro olhar, a obra proporciona um conflito entre as formas definidas como geométricas, com paleta variada de cores acinzentadas a cores vibrantes. Num segundo momento, o olhar vagueia pelo fundo de pequenas partículas voando pela superfície adentro de um espaço livre e aéreo. E nessa relação de contração de forma/figuras e expansão de partículas que não se definem, uma situação dinâmica se estabelece como a própria respiração.





Nita Monteiro

(@o_fiodenita)

Volta Redonda, RJ, 1990

Vive e trabalha em São Paulo, SP

Mari, da Série As Flores de Maria José,

2022 - 2023

Tecidos variados (partes de: duas camisas do pai da artista, lençol, vestido da mãe da artista, almofadas e uma toalha), fragmentos da pintura de Maria José Cavaliere, recortes de um bordado mexicano do acervo da artista, cacos de azulejo, miçangas e bordados.

67 x 31,5 cm

Série de obras feitas a partir de uma pintura encontrada em um brechó, de autoria de Maria José Cavaliere —, além de retalhos de tecidos retirados de objetos cotidianos —pertencentes a diferentes pessoas —, e cacos de azulejos antigos, conectados uns aos outros pela técnica do patchwork e do bordado. A partir do meu contato com esses objetos usados, doados ou adquiridos, são criadas novas narrativas.





Nita Monteiro

(@o_fiodenita)

Volta Redonda, RJ, 1990

Vive e trabalha em São Paulo, SP

Maria José: Oratório, 2022-2023

Tecidos variados (partes de: toalha de mesa, almofada, lençol e tecidos de resíduo têxtil), fragmentos da pintura de Maria José Cavaliere, cacos de azulejo, partes de um caminho de mesa em crochê, partes de uma ilustração em papel de artista desconhecido, miçangas, fragmentos de cerâmicas e bordados.

84 x 40 cm

É uma obra realizada a partir de uma pintura de natureza morta, encontrada em um brechó, de autoria de Maria José Cavaliere —, além de retalhos de tecidos retirados de objetos cotidianos — pertencentes a diferentes pessoas —, e cacos de azulejos antigos, fragmentos de cerâmica, etc., conectados uns aos outros pela técnica do patchwork e do bordado. A partir do meu contato com esses objetos usados, doados ou adquiridos, são criadas novas narrativas, que buscam criar uma atmosfera em torno da desconhecida artista por trás da tela.





Rafael Amorim

(@germedemundo)

Rio de Janeiro, RJ, 1992

Vive e trabalha em Rio de Janeiro, RJ

Quarto de Menino, 2017-21

Fotografia digital impressa sobre tecido

28 peças, dimensões variadas.

Tiragem: 1/2 + P.A.

Impressa sobre tecidos que, em diferentes dimensões, simulam lenços, bandeiras e lençóis, a série é fruto de uma prática artística interessada em produzir outras visualidades para relações afetivas entre homens. Ao não apresentar seus personagens, o conjunto de imagens pretende tensionar histórias entre a autobiografia e a ficção somente a partir dos objetos em cena. Este trabalho trata-se de um espaço de conflito onde o cuidado e o medo se confundem, a liberdade depende do segredo e o doméstico é atravessado pelo público.



Tetê Lian

(@tete.lian)

Poços de Caldas, MG, 1998

Vive e trabalha em São Paulo, SP

Feitiço, 2023

Óleo sobre tela.

15 x 17,5 cm

Bruxa, 2023

Óleo sobre tela.

15 x 17,5 cm

A partir de uma pesquisa acerca de estratégias de representação do mal e do horrível, Tetê Lian busca questionar a "neutralidade" de temáticas, recursos estilísticos e clichês utilizados de maneira recorrente na cultura pop e no cinema e literatura de horror, entendendo-os como formadores da representação do medo e de um Outro racial no imaginário ocidental. Em *Bruxa* (2023) e *Feitiço* (2023), a artista propõe uma reflexão acerca da caracterização do mal e da monstruosidade na figura da bruxa, que é comumente retratada em oposição à branquitude como símbolo de bondade e feminilidade.





Thales Pomb

(@pomb_)

Brasília, DF, 1989

Vive e trabalha em São Paulo, SP

Marginália, 2024

Óleo sobre tela.

2 x 2 m (díptico)

Marginália, originada do latim, é o termo abrangente que designa anotações, escritos e comentários feitos nas margens de um livro. É através desse meio expressivo que a obra se revela, com anotações transpostas para imagens que retratam lugares e eventos pelos quais o artista passou, viveu ou imaginou. Toda essa vivência é revelada artisticamente por meio da pintura a óleo. Na tela de dimensões 2,0 x 2,0 metros, é evidente a influência da migração brasileira, convergindo com as pesquisas de Thales sobre a fé e o Cerrado brasileiro, local de origem e enfoque de suas investigações artísticas.





Thix

(@thix)

Porto Alegre, RS, 1982

Vive e trabalha no Rio de Janeiro, RJ

Olympio, 2024

Óleo sobre tela.

90 x 70 cm

Olympio está posto aqui em diálogo direto com a obra Olympia, de Manet, “obra-master” do realismo francês do século XIX. A figura central, Olympia, é uma prostituta parisiense, e a obra desafia as noções tradicionais de idealização feminina. Tal como a obra de Manet, Olympio traz a franca representação da nudez: a composição apresenta um nu trans masculino em pose que deriva das musas clássicas; um corpo queer que se oferece para ser visto, se auto objetifica como afirmação de poder, e confronta, com olhar desafiador, diretamente o observador. Essa é uma obra quer conversar com essa noção de corporalidade: corpos presentes, corpos políticos e corpos que transcendem. Um retrato que tem em sua fábrica os cânones que constroem a pintura como dispositivo epistemológico, mas que deseja ser inscrita numa outra história da arte, de discursos menos autoritários, androcêntricos e cisheterocentrados, que comuniquem outras formas de se relacionar, amar, de produzir memória, política e novos mundos.





Vera Schueler

(@_veraschueler)

Araripe, RJ, 1994

Vive e trabalha no Rio de Janeiro, RJ

Três Marias: Um Desejo, 2023

Acrílica, spray, óleo e pastel oleoso
sobre tela.

162 x 268 cm

Três Marias - Um Desejo conta a história de uma criança que sonhou em mudar a sua realidade, fazendo um pedido às Três Marias, trio de estrelas perfeitamente alinhadas, pertencentes à constelação de Orion, responsáveis por conceder desejos na cultura popular. Muitos anos depois o desejo foi realizado e a criança, hoje adulta, pintou esta tela em retribuição.





Vinicius Carvas

(@viniciuscarvas)

Rio de Janeiro, RJ, 1988

Vive e trabalha no Rio de Janeiro, RJ

Entrada de Banhistas, 2022

Acrílica sobre tela

188 x 145 cm

A obra explicita um comentário político enviesado através dos contrastes socioculturais de uma cidade cartão postal. Uma placa comumente encontrada nos edifícios à beira-mar em regiões de alto poder aquisitivo impõe e restringe o acesso de funcionários a serviço em um espaço onde o proprietário só o utiliza por lazer. Esta pesquisa se deu a partir do cruzamento de fotografias de placas com formatos, cores e tipografias distintas, capturadas em prédios da orla da cidade do Rio de Janeiro, e de um recorte comportamental na relação do indivíduo com o entorno.





ALVO RADA

EXPOSIÇÃO
EXHIBITION

02 FEVEREIRO - 09 MARÇO 2024

FEBRUARY 2 - MARCH 09 | 2024

Segunda a sexta – 10h às 19h
Sábado – 12h às 18h
Entrada Franca

www.anitaschwartz.com.br
galeria@anitaschwartz.com.br
+55 (21) 2540.6446
+55 (21) 2274.3873
+55(21) 99603.0435 (wpp)

Rua José Roberto Macedo Soares, 30
Gávea, Rio de Janeiro / RJ – Brasil

anita schwartz

GALERIA DE ARTE